

Ensaio Crítico à ideia de “Crise de Hegemonia dos EUA”¹

Critical Essay on the notion of
“US Hegemonic Crisis”

*Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior*²

¹ A produção desse texto contou com o apoio do Edital DPG 0010/2023. Agradeço ao Decanato de Pós Graduação da Universidade de Brasília (UnB) por financiar a pesquisa sistematizada neste texto.

² Técnico Administrativo em Educação no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Estudante do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) da Universidade de Brasília (UnB). Email: mariojunior@ufu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0424-2907>

RESUMO:

A análise sobre a conjuntura internacional referente a dominação imperialista é um instrumento importante que influencia a elaboração de táticas políticas da classe trabalhadora organizada que luta pela superação da condição de dependência econômica que caracteriza os países da América Latina. A proposta deste ensaio visa refletir criticamente sobre a hipótese na qual afirma que o mundo hoje vive há anos uma crise de hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA) de modo que a estrutura das relações internacionais será modificada a médio tempo frente a rápida e vertiginosa ascensão da China. Neste sentido, o ensaio propõe apresentar aspectos da política econômica internacional que contrapõe essa avaliação de que os EUA vivencia nesse momento uma crise de hegemonia. Para isso o ensaio levará em consideração que a referida reflexão deve estar atrelada ao padrão neoliberal de reprodução do capital que caracteriza a conjuntura internacional desde a década de 1970.

PALAVRAS-CHAVE: EUA, China, Crise de Hegemonia, Reprodução do Capital, Imperialismo.

ABSTRACT:

The analysis of the international conjuncture of imperialist domination is an important instrument that shapes the formulation of political tactics of the organised working class on its struggle for overcoming the economic dependency in Latin America. The aim of this essay is to critically assess the hypothesis according to which the world has seen a crisis of the hegemony of the United States of America (USA), so that the structure of international relations will be transformed by the rapid rise of China. In this sense, the essay presents elements of international political economy that counters the notion of a US hegemonic crisis. With that in mind, the essay takes into account that such an analysis must be tied to the neoliberal form of reproduction of capital that shapes international politics since the 1970.

KEYWORDS: USA, China, Hegemonic crisis, Reproduction of Capital, Imperialism

“Na apreciação de acontecimentos e séries de acontecimentos a partir da história atual, nunca teremos condições de retroceder até a última causa econômica. Mesmo nos dias de hoje, em que a imprensa especializada pertinente fornece material em abundância, ainda é impossível, inclusive na Inglaterra, acompanhar dia após dia o passo da indústria e do comércio no mercado mundial, assim como as mudanças que ocorrem nos métodos de produção, de tal maneira que se possa fazer, a todo momento, a síntese desses fatores sumamente intrincados e em constante mudança, até porque os principais deles geralmente operam por longo tempo ocultos antes de assomar repentina e violentamente à superfície. A visão panorâmica clara sobre a história econômica de determinado período nunca será simultânea, só podendo ser obtida a posteriori, após a compilação e a verificação do material. A estatística é, nesse ponto, recurso auxiliar necessário, mas sempre claudica atrás dos acontecimentos. Por isso, tendo em vista a história contemporânea em curso, seremos muitas vezes forçados a tratar como constante, ou seja, como dado e inalterável para todo o período, este que é o fator mais decisivo, a saber, a situação econômica que se encontra no início do período em questão; ou então seremos forçados a levar em consideração somente as modificações dessa situação oriundas dos próprios acontecimentos que se encontram abertamente diante de nós e que, por conseguinte, estão expostos à luz do dia. Por isso, nesse ponto, o método materialista com muita frequência terá de se restringir a derivar os conflitos políticos de embates de interesses das classes sociais e frações de classes resultantes do desenvolvimento econômico, as quais podem ser encontradas na realidade, e a provar que os partidos políticos individuais são a expressão política mais ou menos adequada dessas mesmas classes e frações de classes.”³

Friedrich Engels

Na história da humanidade nenhum Império foi eterno e imutável. O Império Romano durou 5 séculos, e sua crise se manifestou de forma nítida a partir do século III e sua ruína total se concretizou no século V.⁴ A crise do referido Império teve como um dos seus pilares a não renovação da força de trabalho escrava, afetando diretamente a economia romana. Outros Impérios

³ Trecho do Prefácio à obra *As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850*, de Karl Marx, escrito entre 14 de fevereiro e 6 de março de 1895. (pp. 10-11, Boitempo Editorial, 2012).

⁴ Agradeço ao Fernando Henrique Sousa Araujo pela leitura crítica e contribuição com as reflexões presentes nesse texto. As lacunas e os limites das reflexões presentes nesse texto não são de sua responsabilidade.

que se ergueram durante a história da humanidade, contou com elementos internos e externos no que se refere a economia, política e a força bélica para explicar as suas ruínas. Neste sentido, este ensaio refletirá sobre alguns elementos da economia política internacional do século XXI para aferir a hipótese apresentada por autores e autoras de que os EUA vivencia uma crise de hegemonia de sua dominação política e econômica mundial. Tal reflexão se julga importante por considerar que se trata de um elemento central para orientar análises políticas e econômicas no plano nacional e internacional. Os Estados Unidos da América vivencia uma crise de hegemonia? Se a resposta para essa pergunta for positiva, quais são os pilares de sua hegemonia que estão sob ataque nesse momento?

O fato de a China ser considerada pelos Estados Unidos durante o governo de Donald Trump, não apenas como mais um país competidor, mas sim como a principal adversária econômica, política e militar do país, merece reflexões cautelosas. Será que essa medida política estadunidense simboliza que a China impõe uma crise de hegemonia aos EUA nessa atual quadra histórica? PINHEIRO GUIMARÃES (2020a) compreende que a comparação de dados referentes a economia e a política entre os EUA e a China indicam que na disputa entre ambos os países, a hegemonia americana ainda se prolongará por longo período, sem necessariamente os EUA vivenciar nesse exato momento uma crise de hegemonia.

Giovanni Arrighi (2007) detecta que a partir da década de 1970 se inicia um processo de crise de hegemonia dos Estados Unidos

“El poder y el prestigio estadounidenses alcanzaron su punto más bajo a finales de la década de 1970 con la Revolución Iraní, un nuevo aumento del precio del petróleo, la invasión soviética de Afganistán y otra seria crisis de confianza en el dólar. Brenner apenas menciona esta profundización de la crisis de la hegemonía estadounidense como el contexto en el que, entre 1979 y 1982, la política monetaria del gobierno estadounidense

giró de una laxitud extrema a la rigidez más severa. Relaciona este brusco giro con «un asalto devastador sobre la moneda estadounidense que amenazaba la posición del dólar como moneda de reserva internacional», pero no ofrece una explicación satisfactoria para la fuga de capitales que la desencadenó ni presta atención a los temores árabes en relación con Afganistán e Irán, que según Business Week impulsaron el aumento del precio del oro hasta el máximo histórico de 875 dólares la onza alcanzado en enero de 1980. (pp. 153-154)”

O autor ainda explicita que compreende a crise de hegemonia dos EUA como um processo temporal longo que ainda não está em seu momento final, de modo que:

“Hablaemos de crisis de hegemonía para designar una situación en la que el Estado hegemónico vigente carece de los medios o de la voluntad para seguir impulsando el sistema interestatal en una dirección que sea ampliamente percibida como favorable, no sólo para su propio poder, sino para el poder colectivo de los grupos dominantes del sistema. (...) Como se deduce del nuestra definición de hegemonía, un Estado puede seguir siendo dominante incluso después de la crisis terminal de su hegemonía, situación en la que, siguiendo a Guha, hablaemos de dominación sin hegemonías.” (p. 174)

As reflexões apresentadas a seguir não compartilham da concepção de “crise de hegemonia” apresentada por Giovanni Arrighi (2007), pois entende se que a hegemonia não significa necessariamente um movimento contínuo de expansão, mas que também pode se traduzir pela manutenção de uma dominação política, cultural e econômica. Recorre se aqui as elaborações de Gramsci que desenvolveu a noção de hegemonia pensando a realidade dos países ocidentais, articulando-o com reflexões sobre a caracterização do Estado contemporâneo nesses países e sua conexões com a sociedade civil. Portanto, pensar em hegemonia:

“(…) pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.” (GRAMSCI, 2007, 48)

É importante afirmar ao leitor que a compreensão de hegemonia que sustentarão as reflexões presentes no decorrer desse texto partirá do pressuposto de hegemonia descrito acima para pensar os conflitos entre os países no sistema desigual e combinado que caracteriza o sistema capitalista mundial.

Alguns argumentos que sustentam a ideia de crise de hegemonia dos EUA

MERINO e BARRENENGOA (2022) compreendem que vivemos nos últimos anos um ascenso da Ásia, em especial da China, que provoca simultaneamente um declínio geopolítico por parte do Ocidente, em especial dos EUA. Um dos argumentos utilizados pelo autor para sustentar essa ideia, se refere à comparação histórica entre a crise do capital de 1929 e a crise econômica provocada pelo advento da Pandemia da COVID-19. Nesse exercício, o autor afirma que em 1929 os Estados Unidos foi o epicentro da crise, mas que os efeitos da mesma foram mais devastadores na Europa afetando estruturalmente os pilares da hegemonia britânica. Já em relação a crise econômica provocada pela Pandemia da COVID-19, em que pese a China tenha sido o epicentro da crise, MERINO e BARRENENGOA compreendem que foi os Estados Unidos que sofreram centralmente os efeitos desse processo, tendo os pilares de sua hegemonia um abalo acelerado. Uma das sínteses apresentadas pelo autor em seu texto, é que a China se emergiu fortalecendo a

perspectiva da construção de um mundo multipolar, mundo esse que começou a ser construído no final do século XX e início do século XXI.

O autor ainda compreende que no plano internacional, vivemos uma dualidade de globalizações. Assim, destaca que a globalização anglo-estadounidense enfrenta a globalização com características chinesas (comandada por grandes conglomerados estatais e por uma política exterior multilateral dual de Beijing), de modo que no plano mundial se convive as tradicionais instituições ocidentais com a criação de novas instituições impulsionadas pela China. (p. 36, 2022). MERINO e BARRENENGOA, utilizando o índice da Fortune Global de 2020, destacam ainda que a *China conta hoje com 124 das 500 principais empresas a nível mundial, superando os EUA com 121 empresas, quando em 2007 a China obtinha apenas 21 empresas.*

A crise do capital vivenciada em 2008, se configurou na opinião de TOOSE (2018) como um sinal de declínio da hegemonia estadounidense que para o autor, teve como uma das consequências a vitória de Donald Trump na eleição em 2016. (p. 14). Nesse período, pós crise de 2008, o melhor desempenho econômico demonstrado pela China frente a um fraco desempenho econômico dos EUA, gerou a percepção de que a China teria substituído os Estados Unidos como motor principal do capitalismo global. (HUNG, p. 5, 2018).

Contraponto a ideia de crise de hegemonia dos EUA

Apesar de inúmeros autores e autoras⁵, afirmarem ou, levarem em consideração, a ideia de que os EUA vivencia uma crise de hegemonia e que a China se coloca como um país a ocupar o posto de nova liderança hegemônica; DUMÉNIL; LÉVY (pp. 328-329, 2014) demonstra cautela quando afirmam que apesar da China ser considerada como uma desafiante forte, a mesma tem um

⁵ Ver FOUSKAS (2021), YANG (2020), PAYNE, SILVER (2020).

longo caminho a percorrer, na busca da construção e consolidação de uma moeda forte, conversível com outras moedas de outros países centrais. Sobre a questão da importância da moeda em um processo de dominação hegemônica, Fiori (2004) afirmou que:

“os Estados Unidos podem incorrer em déficits em balanço de pagamentos de qualquer monta e financiá-los tranquilamente com ativos denominados em sua própria moeda. Além disso, a ausência de conversibilidade em ouro dá ao dólar e aos Estados Unidos, a liberdade de variar sua paridade em relação às moedas dos outros países conforme sua conveniência, através da movida das taxas de juros. E, nesse sentido, a ausência de conversibilidade em ouro elimina pura e simplesmente o problema da restrição externa para os Estados Unidos”. (pp.17-18)

Foi pontuado nos parágrafos anteriores alguns argumentos utilizados para sustentar a ideia de que os Estados Unidos da América vivenciam nas últimas décadas uma crise de sua hegemonia política e econômica. Pontuaremos a seguir alguns dados que ajudam a refletir sobre esse tema. Para iniciar o contraponto, é mister partir da compreensão de PINHEIRO GUIMARÃES (2020a) sobre hegemonia, de que:

“A hegemonia em nível mundial é a capacidade de elaborar, divulgar e fazer aceitar pela maioria dos Estados uma visão do mundo em que o país hegemônico é o centro; de organizar a produção, o comércio e as finanças mundiais de forma a captar para a sede do Império uma parcela maior do Produto Mundial para uso de sua população, e muito em especial de suas classes hegemônicas e de seus altos funcionários; a capacidade de impor a “agenda” da política internacional; de ter a força para punir os governos das “Províncias” do Império que se recusem a aceitar ou se desviem das regras (informais) de seu funcionamento.”

PINHEIRO GUIMARÃES (2020a) ainda apresenta XX aspectos da realidade para pensar se de fato existe uma crise de hegemonia dos EUA.

Destaca-se inicialmente a informação comparativa a respeito do Produto Interno Bruto (PIB) dos EUA e do PIB da China. O autor demonstra que:

“O PIB dos Estados Unidos é de 21 trilhões de dólares e o PIB da República Popular da China é de 13 trilhões. Se forem somados o produto dos Estados Unidos aos produtos das Províncias do Império mais desenvolvidas (Japão, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Canadá) este total será de 39 trilhões de dólares, cerca de três vezes o produto chinês. O PIB/hab. dos Estados Unidos é de 52.900 US\$/hab. e o da China é de 9.500 US\$/hab.”

O anuário estatístico do ILAESE elaborado em 2021, demonstra que os Estados Unidos ainda é a força *amplamente dominante*⁶ do capitalismo mundial, conforme demonstra a tabela a seguir, a respeito da composição da receita anual total de todas as empresas de capital aberto presentes na base de dados do Instituto:⁷

	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Estados Unidos	50,67%	47,36%	46,43%	44,26%	42,96%	40,67%	39,34%	43,06%	43,61%	42,27%	41,82%	42,80%	46,42%
China	1,27%	2,10%	2,89%	3,77%	5,80%	8,33%	10,12%	10,42%	10,22%	10,84%	11,37%	11,47%	11,78%
Alemanha	12,17%	11,83%	10,66%	9,55%	8,90%	8,67%	8,76%	8,96%	8,47%	8,22%	7,86%	7,71%	7,89%
Japão	7,88%	8,68%	8,70%	7,49%	7,92%	7,35%	6,70%	6,92%	7,56%	6,64%	6,49%	6,53%	6,84%
Reino Unido	10,22%	12,05%	11,65%	11,64%	10,36%	10,61%	9,90%	7,79%	7,02%	7,44%	7,80%	7,39%	6,33%
França	5,82%	5,74%	6,27%	6,38%	6,04%	5,64%	5,59%	5,11%	5,12%	5,25%	5,26%	5,11%	4,10%
Outros	11,98%	12,25%	13,39%	16,90%	18,01%	18,74%	19,60%	17,73%	18%	19,34%	19,39%	18,99%	16,63%

Fonte: Elaboração Ilaese (2021)

⁶ Expressão presente no texto do Ilaese (2021)

⁷ O Ilaese não incluiu na análise os dados das empresas de capital fechado, bem como as empresas de menor porte que tendem a ser controladas por capitalistas locais.

A tabela acima demonstra que em 2020, os EUA manteve quase a mesma média de acumulação de capital mundial das empresas de capital aberto; e que o crescimento da China não se deu sobre um possível declínio dos EUA, mas sim sobre o declínio dos demais países (em especial Alemanha, Reino Unido). Não é possível perceber portanto qualquer suposta perda qualitativa por parte dos EUA frente ao crescimento qualitativo da China. Esses dados corroboram com a ideia de PINHEIRO GUIMARÃES (2020b) sobre a disputa entre EUA e China, no qual afirma que *o Império estadunidense desenvolve uma estratégia global cujo objetivo é manter sua hegemonia, sua capacidade de se apropriar de uma parcela maior do Produto Mundial, em benefício de suas classes hegemônicas, através de um sistema econômico, político e militar que organizou e lidera.*

Sobre a utilização/exploração⁸ por parte do capital sobre os recursos naturais no território de ambos os países, temos o seguintes dados:

“A gama de recursos naturais de solo e de subsolo dos Estados Unidos é muito mais ampla do que a da China o que torna esta última mais dependente do mercado e, portanto, mais vulnerável. (...) As terras aráveis, em hectares por habitante, são nos Estados Unidos 0.480 e na China 0.078. O insumo essencial (juntamente com o carvão) para gerar energia para a indústria em geral; para a indústria de fertilizantes; para a petroquímica; para a química fina; para os transportes é o petróleo. Os Estados Unidos tem reservas de 19 bilhões de barris e a China de 16 bilhões; os Estados Unidos produzem 15 milhões de b/d e a China produz 4 bilhões de b/d.”

Sobre o poderio militar, importante elemento para aferir o grau e capacidade de dominação e de manutenção ou conquista de hegemonia, detecta-se que orçamento anual militar dos Estados Unidos é três vezes o da China. Além disso, a rede de 700 bases no exterior dos Estados Unidos várias ao redor da China é muito superior ao número de instalações militares chinesas no

⁸ Por ser uma exploração baseada na lei do valor, a mesma possui um caráter destrutivo em ambos os territórios.

exterior. A rede de acordos militares dos Estados Unidos nas Províncias não tem paralelo com a rede da China. PINHEIRO GUIMARÃES (2020a). Ao contrário da China, os Estados Unidos possuem relações de dominação direta com países de todos os continentes do globo.

Para Américo Gomes (2022), apesar de a China contar com o maior exército do mundo (2 milhões de militares, contra 1,3 milhão dos EUA), a mesma possui um poderio muito inferior ao dos EUA. O autor lembra que apesar da China aumentar seu orçamento anual de defesa para US\$ 140 bilhões, ele ainda é muito inferior ao dos Estados Unidos, de US\$ 577 bilhões. O autor destaca ainda que a China não possui logística suficiente para sequer invadir e ocupar Taiwan, e não é de menor importância o fato de que Beijing assinou a Convenção de Armas Químicas e o Tratado de Interdição Completa de Ensaios Nucleares, que acaba com sua assistência às instalações nucleares no Paquistão e o comércio de mísseis nucleares antitanques no Irã.

Ao contrário da China ou de qualquer outro país do mundo, os EUA estabelece há quase 80 anos, regras que foram e que são cumpridas formalmente pela amplíssima maioria dos países capitalistas do globo, que são:

- a. ter uma economia capitalista, de mercado, consagrada na legislação;
- b. ter uma economia aberta do ponto de vista comercial;
- c. ter uma economia aberta ao capital estrangeiro em qualquer área ou atividade;
- d. ter um grau mínimo de intervenção do Estado, como regulamentador e empresário;
- e. dar tratamento igual às empresas de capital local em relação às estrangeiras;
- f. não exercer controle sobre os meios de comunicação de massa;
- g. ter regime político de pluralidade partidária e eleições periódicas;
- h. não celebrar acordos, em especial militares, com a Rússia e a China, e províncias em rebelião;**
- i. apoiar as iniciativas de política internacional do Império;
- j. respeitar os direitos humanos tradicionais (políticos e sociais);
- k. não restringir a ação de ONGs estrangeiras.” (*Grifo Meu*)

A regra h) demonstra a compreensão que os EUA possui a respeito do perigo que ambos países, Rússia e China, simbolizam para o processo de manutenção de sua hegemonia global. Mas não é ilógico avaliar que a postura da Rússia e da China nas últimas 4 décadas, em especial após o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ao conhecerem qual é a correlação de forças no aspecto econômico, político, militar e ideológico frente aos EUA, *agem com cautela e não demonstram intenção de “derrubar” o atual sistema de normas internacionais, mas sim de participar dele em melhores posições nos sistemas de decisão.* PINHEIRO GUIMARÃES (2020b). Esse é um elemento importante para a avaliação, pois não se trata de uma conjuntura política internacional, cujo a lógica de reprodução do capital que tem os EUA como sua expressão política mais forte, esteja sendo questionada pela Rússia, pela China ou por qualquer outro país com tamanho poderio militar, político e econômico iguais ao desses países.

O aspecto cultural é um elemento central na dominação hegemônica no complexo sistema que caracteriza a sociedade civil contemporânea no século XXI. PINHEIRO GUIMARÃES (2020a) afirma que:

“A influência cultural/ideológica/política dos Estados Unidos é muito mais extensa do que a chinesa, o que é possível constatar pela presença esmagadora de produtos culturais americanos em todas as Províncias (Estados) mesmo em comparação com a presença de produtos de países de cultura avançada, como a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha. Esses produtos culturais, divulgados pelos meios de comunicação de massa e hoje também pela internet contribuem para formar uma visão favorável aos Estados Unidos, como sociedade e como Estado. Por outro lado, a extensa rede de filiais de megaempresas multinacionais americanas faz com que haja uma comunidade de altos executivos (nacionais locais) em cada Província com vínculos profissionais com os Estados Unidos. Nada disto ocorre em relação à República Popular da China, cuja influência, todavia, tenderá a crescer à medida que sua

economia se desenvolve e se expande para o exterior, assim como seu poder militar e tecnológico. As características do mandarim, escrito e falado, e do inglês, afetam a difusão cultural e a possibilidade de influência da China.”

Nesse sentido, HUNG (2018) corrobora com a ideia ao afirmar que:

“A falta de um elemento de fundação cultural e a competição com os Estados Unidos são os maiores obstáculos para o crescimento da influência geopolítica chinesa. Motivados apenas por interesses econômicos e na falta de elementos de admiração cultural na relação com a China, a aliança dos estados asiáticos com a China tem sido, na melhor das hipóteses, pragmática e contingencial.” (p. 16)

Por fim, utilizando de um último elemento entre vários expressos nos textos de PINHEIRO GUIMARÃES (2020a e 2020b), destaca-se a constatação de que seria difícil classificar os EUA como um Império em decadência, frente as inúmeras vitórias obtidas por esse país nos últimos 75 anos, no campo político, econômico, militar e ideológico. O autor evidencia as seguintes vitórias:

- a.** a dissolução dos Impérios Britânico e Francês, a partir de 1957;
- b.** a vitória sobre o desafio cubano a partir de 1960, através da Aliança para o Progresso e da implantação de ditaduras militares “modernizadoras”;
- c.** a aceitação por todos os países de seu próprio desarmamento nuclear e de conferir aos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança o oligopólio nuclear com o TNP, em 1968;
- d.** a abertura da China às megacorporações multinacionais, a partir de 1979;
- e.** a retirada das tropas soviéticas da Europa Oriental, em 1985;
- f.** a desintegração territorial da União Soviética, em 1991;
- g.** a adesão da Rússia ao capitalismo, através do Programa de Choque do FMI, em 1995;
- h.** o ingresso da China e da Rússia no FMI, no Banco Mundial e na OMC;

- i. a adesão ao capitalismo e à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) dos países ex-comunistas da Europa Oriental;
- j. a inclusão na OTAN dos países da Europa Oriental e a ampliação de sua capacidade de agir além da zona definida no Tratado;
- k. a participação do Vietnã nas negociações da Transpacific Partnership – TPP (2015) e a abertura de sua economia às megaempresas americanas.”

O autor, a luz das ações citadas acima, apresenta uma síntese sobre esse debate no qual, compartilho a concordância de que:

“Difícilmente o Império estadunidense, cuja dinâmica se encontra no seu complexo industrial-militar; em sua rede mundial de megaempresas; em sua posição nas organizações internacionais; em suas alianças com as classes hegemônicas de suas Províncias; em sua disposição de fazer uso da força, de que o assassinato do General iraniano Soleimani foi um episódio, assistirá, resignada e tranquilamente, sua própria decadência e substituição por um mundo multipolar que emergiria de uma nova solidariedade humana criada pela Pandemia ou por processo histórico.”

Parece adequada a ideia de Fiori (2001 e 2004), quando ao refletir sobre o mundo após a queda do muro de Berlim, compreende que o tema da crise da hegemonia norte-americana soa um pouco abstrato e especulativo frente ao “incontrastável poder militar e econômico dos Estados Unidos”, e que apesar do avanço econômico chinês, não existe de fato qualquer indício de que a hegemonia dos Estados Unidos esteja em declínio ou ameaçada de forma imediata. Fiori (2004) afirma ainda que:

“Na segunda metade da década de 80, nossa pesquisa nos levou à Europa e à Ásia para estudar os efeitos internacionais das políticas de desregulação financeira, e

as políticas nacionais de “ajuste” do Japão, Coréia, Itália e Espanha. E no início dos anos 90 fomos pesquisar em Washington, a nova estratégia global dos Estados Unidos, depois da Guerra Fria. Naquele momento ficou absolutamente claro para todos nós que a nova “ordem política e econômica emergente tinha pouco ou nada a ver com o conceito de hegemonia, e parecia muito mais próxima da idéia de um sistema imperial, (...) e que por isto, talvez estivesse definitivamente afastada a possibilidade de novas hegemonias mundiais”. Até porque, na década de 80 e, sobretudo nos anos 90 diminuiu significativamente a convergência de interesses entre as Grandes Potências. A economia americana cresceu de forma quase contínua, enquanto as economias das demais potências estagnaram, e a possibilidade de mobilidade da periferia dentro do sistema ficou praticamente reduzida aos casos da Índia e da China. Mais recentemente, nossa pesquisa focou os primeiros passos do poder americano, no início do século XXI, e se debruçou sobre dois temas fundamentais: primeiro, o das relações entre a geopolítica e a geoeconomia do novo hiperpoder americano; e segundo, o da forma de exercer este poder global, através do controle estrutural da produção, das finanças, do comércio, da energia e das telecomunicações do sistema mundial”. (p.8)

Algumas considerações finais

Considerando os elementos apresentados nesse breve ensaio, apresenta-se 4 considerações: 1) Na disputa pela hegemonia mundial entre EUA e China, não existe um questionamento em relação à lógica societal de reprodução do capital. A atuação da China, levando em consideração sua estratégia política econômica no plano nacional e internacional não possui um contraponto ideológico ao capitalismo; 2) A China possui características que a qualificam como um novo país imperialista, em que pese esteja bem distante do poderio militar dos EUA; 3) Os dados indicam que a China ainda está bem distante dos

EUA em relação ao poder hegemônico dominante; 4) Existe de fato uma disputa de hegemonia entre EUA e China, mas uma disputa pode ou não significar que o polo dominante vivencia uma crise de sua hegemonia. No caso em tela, em virtude do virtuoso crescimento da China, os dados não apontam para uma crise de hegemonia por parte dos EUA.⁹

Frente a essas considerações, vale ainda ressaltar que é de enorme importância a reflexão sobre esse tema para pensar as relações internacionais na perspectiva da classe trabalhadora; pois identificar quem é o grande inimigo, é o primeiro passo para refletir sobre qual estratégia política adotar no plano internacional. E se análise partir de uma premissa equivocada, como por exemplo a suposta ideia de que a hegemonia norte-americana está em crise, ou se não compreender que o que está em pauta na disputa entre EUA e China se trata de uma disputa interimperialista que ainda não coloca em risco o domínio hegemônico dos EUA no plano político, econômico e militar; pode influenciar a elaboração de uma tática e estratégia que distancie a construção de política internacional que de fato faça o contraponto ao poder hegemônico e à lógica de reprodução do capital no qual esse poder hegemônico, no caso os EUA, representa; ou mesmo o contraponto à lógica de reprodução da lei do valor que em nenhum momento é desafiada pela China. Essa compreensão determinará portanto, entre diversas questões, quais alianças um possível Estado gerido

⁹ Existem uma quinta e sexta consideração, cujos os elementos não foram abordados neste breve ensaio que se refere à Guerra entre Rússia e Ucrânia, e o início de acordos comerciais internacionais por parte da China com alguns países de economia dependente cujo as operações financeiras não se pautarão pela conversão do câmbio do dólar. Ambas as considerações aqui mencionadas merecem ser abordadas em futuros escritos, uma vez que o conflito tem como um dos elementos, a definição dos rumos de acumulação de capital no sistema mundial (se mantém no ocidente ou se migra a médio prazo para o oriente). A priori, entende-se que independente do resultado do conflito militar, a hegemonia estadunidense que motiva este conflito, não estará ainda sobre ameaça a curto prazo; e muito menos a lógica de reprodução liberal do capital não está sob ameaça nesse momento por parte da China ou da Rússia. Além disso, não foi possível aferir até momento sobre quais serão as consequências da realização de operações financeiras internacionais que não se pautem pelo câmbio do dólar e ainda não é possível aferir qual será a capacidade de ampliação dessa prática comercial no plano internacional.

pelos interesses da classe trabalhadora, realizará no plano internacional e quais são os objetivos das referidas e diferenciadas alianças, a cada momento da luta de classes no campo internacional, que nesse momento deve ter como objetivo, no ponto de vista da classe trabalhadora, enfrentar o imperialismo estadunidense e o sistema de reprodução do capital no qual ele representa.

Por fim, vale destacar que se na história do Império Romano que durou 5 séculos, teve em seu terceiro século de dominação o início da crise de sua hegemonia em virtude da não renovação da força de trabalho escrava, que afetou estruturalmente sua economia; na história do império estadunidense (que ainda não chegou a dois séculos de duração) nessa era do capital em seu padrão de reprodução neoliberal, não se percebe ainda elementos em sua estrutura social e econômica interna que afetam estruturalmente seu poder político e econômico e sua capacidade de dominação de diversos países em todos os continentes do mundo.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ILAESE: Trabalho & Exploração. v. 1, nº 3, outubro, 2021. São Paulo: ILAESE, 2021.

ARRIGHI, G. Adam Smith em Pequim. Origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 109-129; 159-182.

DUMÉNIL, G.; LÉVY, D. A Crise do neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2014, p.323- 339

FIORI, José Luís. Depois da retomada da hegemonia. In: FIORI, J.L. & MEDEIROS, Carlos (Orgs). Polarização mundial e crescimento. Petrópolis : Vozes, 2001.

FIORI, José Luís. **Formação, Expansão e Limites do Poder Global**. In: FIORI, J.L. (Org.). *O Poder Americano*. Petrópolis : Vozes, 2004.

FOUSKAS, Vassilis K. et al. **China & the USA. Globalization and the Decline of America's Supremacy**. London: Palgrave, 2021, cap. 1, 2 e 6.

GOMES, Américo. **A China e suas contradições**. In: *Marxismo Vivo: nova época*. Volume 13, n. 18, maio, 2022. São Paulo-SP: Liga Internacional dos Trabalhadores, 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere - volume 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HUNG, Ho-fung. **A Ascensão da China, a Ásia e o Sul Global**. *Revista de Economia Contemporânea*, vol.22, n.1, 2018, pp. 1-26.

YANG, Xiangfeng. **The great Chinese surprise: the rupture with the United States is real and is happening**. *International Affairs*, 2020, vol. 96 (2). doi: 10.1093/ia/iiz251

MERINO, Gabriel Esteban; BARRENENGOA, Amanda. **La pandemia, el ascenso de China y el nuevo mapa del poder mundial: desafíos para América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2022, pp. 29-57.

PAYNE, Corey; SILVER, Beverly. **Dominação sem hegemonia e os limites do poder mundial dos Estados Unidos**. Salvador, Caderno CRH, vol. 35, 2022, pp. 1-17.

PINHEIRO GUIMARÃES, Samuel. **A hegemonia dos EUA e a ascensão da China**. Brasil de Fato, 2020a. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/17/artigo-o-sistema-internacional-e-o-imperio-hegemonia-dos-eua-e-ascensao-da-china>

_____. **Soberania e a estratégia dos EUA**. Brasil de Fato, 2020b. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/17/artigo-o-sistema-internacional-e-o-imperio-soberania-e-a-estrategia-dos-eua>

TOOZE, Adam. **Crashed: how a decade of financial crisis changed the world**. New York: Viking, 2018, p. 1-22.